

COSIMO: O estado dos seus olhos preocupa-me. Preocupa-me, de verdade. Porque demonstra que o senhor está talvez a abusar demasiado da sua excelente luneta... não acha que tenho razão?

*Segue caminho sem aceitar o livro.*

GALILEU: Ele não aceitou o livro, pois não?

VIRGÍNIA: Pai, tenho medo.

GALILEU (*em voz baixa mas firme*): Não mostres a mínima reacção. Seguimos daqui directamente para casa do vidraceiro Volpi. Combinei com ele que no pátio da taberna ao pé estivesse sempre preparado um carro com barris de vinho vazios, para me levar para fora da cidade.

VIRGÍNIA: Tu sabias...

GALILEU: Não olhes para trás.

*Fazem menção de sair.*

UM ALTO FUNCIONÁRIO (*desce a escada*): Senhor Galileu, tenho a incumbência de lhe participar que a corte de Florença não pode por mais tempo negar-se ao desejo da Santa Inquisição de o interrogar em Roma. O carro da Santa Inquisição aguarda-o, senhor Galileu.

### O Papa.

*O Papa Urbano VIII (anteriormente cardeal Barberini) recebeu o Cardeal Inquisidor. Durante a audiência vestem-no. Ouve-se lá fora o arrastar de muitos pés.*

#### APOSENTO DO VATICANO

O PAPA (*em voz muito alta*): Não! Não! Não!

O INQUISIDOR: Então Vossa Santidade, no momento em que aqui se reúnem os doutores de todas as faculdades, os representantes de todas as santas ordens e de todo o clero, cheios de fé submissa na palavra de Deus, depositada nas Escrituras, Vossa Santidade em vez de os confirmar na sua fé vai antes participar-lhes que afinal as Escrituras já não podem ser consideradas verdadeiras?

O PAPÁ: Não mando quebrar as tabelas de cálculo. Não!

O INQUISIDOR: Que se trata de tabelas de cálculo e não de espírito de revolta e de dúvida é o que diz essa gente. Mas não se trata de tabelas de cálculo, mas sim de uma inquietação

tremenda que está a dominar o mundo. É a inquietação do próprio cérebro que eles transferem para a Terra imóvel. Gritam: são os números que nos levam a isso! Mas de onde vêm os seus números? Todos nós sabemos que provêm da dúvida. Essa gente duvida de tudo. Teremos nós que basear a sociedade humana na dúvida, e não na fé? «Tu és o meu senhor, mas não sei se isso é bom.» «Esta é a tua casa e a tua mulher, mas não sei se não deviam ser minhas.» Por outro lado, o amor de Vossa Santidade pela arte, amor a que devemos tão belas colecções, é tratado de maneira injuriosa, como esta, por exemplo, que se pode ler nas paredes das casas de Roma: «O que os bárbaros deixaram a Roma, roubam os Barberinis.» E no estrangeiro? Quis Deus submeter o Santo Trono a duras provações. A política espanhola de Vossa Santidade não é compreendida por homens de visão limitada, que lamentam a desavença com o Imperador. Há quinze anos que a Alemanha é um matadouro em que as pessoas se despedaçam umas às outras com citações da *Biblia* na boca. ~~E agora, quando a peste, a guerra e a reforma reduzem a cristandade a um punhado de gente, espalha-se pela Europa o boato de que Vossa Santidade se aliou secretamente com a Suécia luterana, para diminuir o poder do Imperador católico.~~ E por cima disto tudo esses vermes desses matemáticos apon-

tam a luneta para o céu e declaram ao mundo que Vossa Santidade nem no céu, único espaço que ainda não lhe era disputado, encontra fundamentos suficientes. Pode-se perguntar: porquê tanto interesse de repente por uma ciência tão remota como a astronomia? Não será indifferente que essas esferas girem ou não girem? ~~Em toda a Itália, desde a corte do papa até às aldeias, e por aí acima, seguindo o mau exemplo de florentino, todos discursam sobre as fases de Vénus, mas não há ninguém que não pense simultaneamente em muitas outras coisas, tidas como inalteráveis, nas escolas e em outros lugares, e que não são nada oportunas. O que aconteceria se toda essa gente, fraca de carne e com tendência para os maiores excessos, passasse a acreditar somente na sua própria razão, que esse insensato diz ser a única instância! Começando por duvidar que o Sol tenha parado diante de Gibeon, acabariam por levantar porcas dúvidas quanto à colecta! Desde que viajam pelo mar — não tenho nada contra isso —, depositam toda a sua confiança numa bola de latão, a que chamam bússola, e já não em Deus. Esse Galileu já em novo tinha escrito qualquer coisa sobre as máquinas. Querem fazer milagres com as máquinas. E que espécie de milagres? Já não precisam de Deus para nada, mas que espécie de milagres hão-de ser? Por exemplo, deixará de haver diferença entre o superior e o inferior. Por~~

não lhes fazer falta. ~~Aristóteles, a quem normal-~~  
mente eles ligam tanto como a um cão morto,  
disse — e isso eles citam — se a naveta do te-  
celão tecesse sòzinha, e a baqueta da cítara to-  
casse sòzinha, então os mestres não precisariam  
mais de aprendizes e os senhores não precisa-  
riam de criados. Chegámos agora a este ponto,  
~~pensam eles.~~ Aquele homem perverso sabia o que  
fazia quando editou os seus trabalhos astronó-  
micos na língua das peixeiras e dos comerciantes  
de lã em vez de usar o latim.

O PAPA: Isso foi de muito mau gosto. Hei-de-  
-lhe dizer.

O INQUISIDOR: ~~Ele excita uns e corrumpo os~~  
~~outros.~~ As cidades marítimas do Norte da Itália  
pedem cada vez com mais insistência as cartas  
celestes do senhor Galileu para os seus navios.  
Seremos forçados a ceder, trata-se de interesses  
materiais.

O PAPA: Mas essas cartas celestes baseiam-se  
nas suas afirmações heréticas. Trata-se precisa-  
mente dos movimentos daqueles astros que não  
podem verificar-se, se rejeitarmos a sua teoria.  
Não é possível condenar a teoria e adoptar as  
cartas.

O INQUISIDOR: Porque não? Não há outro re-  
médio.

O PAPA: Este arrastar de pés põe-me nervoso.  
Desculpe-me por estar sempre a ouvi-lo.

O INQUISIDOR: Talvez diga mais do que eu  
disse a Vossa Santidade. Deverão todos ir-se  
embora daqui, com a dúvida no coração?

O PAPA: Mas enfim, o homem é o maior físico  
do nosso tempo, a luz de Itália, não é um idiota  
qualquer. Tem amigos. Há a corte de Versalhes.  
Há a corte de Viena. Vão chamar à Santa Igreja  
um escoadouro de preconceitos podres. É melhor  
não lhe tocar!

O INQUISIDOR: Com ele não será preciso ir  
muito longe. É um homem carnal. Cederá ime-  
diatamente.

O PAPA: Conhece mais prazeres do que qual-  
quer outro homem. Pensa por sensualidade. A um  
vinho velho ou a um novo pensamento é incapaz  
de dizer não. E eu não quero nenhuma conde-  
nação de factos físicos, nem gritos de batalha  
como «Pela Igreja!» e «Pela Razão!». Autorizei-  
-lhe o livro desde que no fim exprimisse a opi-  
nião de que a última palavra não pertence à ciên-  
cia, mas sim à fé. E foi o que ele fez.

O INQUISIDOR: Sim, mas de que maneira? No  
livro entram em discussão um idiota, que evi-  
dentemente segue as opiniões de Aristóteles, e  
um homem inteligente, que evidentemente segue

as opiniões do senhor Galileu. ~~E a observação~~  
final, Vossa Santidade, é feita por quem?

O PAPA: Que mais há? Quem faz a observação?

O INQUISIDOR: Não é o inteligente.

O PAPA: Realmente é uma insolência. Não su-  
porto mais este arrastar de pés no corredor.  
Então está lá fora o mundo inteiro?

O INQUISIDOR: O mundo inteiro não, mas o  
que ele tem de melhor.

*Pausa. O Papa está agora completamente para-  
mentado.*

O PAPA: No máximo dos máximos, que lhe mos-  
trem os instrumentos.

O INQUISIDOR: É quanto basta, Vossa Santi-  
dade. O senhor Galileu percebe de instrumentos.

*Galileu Galilei, em 22 de Junho de 1633,  
perante a Inquisição, renega a sua dou-  
trina do movimento da Terra.*

Era um dia de Junho,  
muito importante para ti e para mim,  
passou-se muito depressa,  
a razão saiu das trevas  
e esperou à porta um dia inteiro.

NO PALÁCIO DO EMBAIXADOR FLORENTINO EM ROMA

*Os discípulos de Galileu aguardam notícias. O pe-  
queno frade e Federzoni jogam o novo jogo  
de xadrez, com movimentos latos. A um  
canto, Virginia, ajoelhada, reza uma ave-ma-  
ria.*

O PEQUENO FRADE: O Papa não o recebeu.  
Acabaram-se as discussões científicas.

FEDERZONI: Era a sua última esperança. Era  
verdade o que ele lhe disse em Roma, há anos,  
quando ainda cardeal Barberini: precisamos de  
ti. E agora têm-no.

ANDREA: Vão matá-lo. Os *Discorsi* não serão  
escritos até ao fim.

FEDERZONI (*olha-o disfarçadamente*): Achas?

ANDREA: Ele nunca renegará a sua teoria.

*Pausa.*

O PEQUENO FRADE: De noite, quando se fica muito tempo deitado sem dormir, pensa-se sempre em coisas secundárias. Hoje à noite, por exemplo, fartei-me de pensar: ele nunca devia ter saído da República de Veneza.

ANDREA: Em Veneza não poderia ter escrito o livro.

FEDERZONI: E em Florença não o pôde editar.

*Pausa.*

O PEQUENO FRADE: Também pensei se lhe terão deixado a pedrinha que ele costuma trazer sempre no bolso. A sua pedra de demonstração.

FEDERZONI: Para o sítio onde o levam, vai-se sem algibeiras.

ANDREA (*gritando*): Nunca ousarão fazer uma coisa dessas! E mesmo que o façam ele nunca se retractará! «Quem não sabe a verdade, é só um idiota. Mas quem a sabe e diz que ela é mentira, esse é um criminoso.»

FEDERZONI: Também não acredito, e não gostaria de continuar a viver, se ele o fizesse. Mas eles têm muita força.

ANDREA: Nem tudo se consegue pela força.

FEDERZONI: Talvez não.

~~O PEQUENO FRADE (*em voz baixa*): Ficou 23 dias na prisão. Ontem foi o grande interrogatório. E hoje é a audiência. (*Como Andrea o está a ouvir, eleva a voz.*) Quando há anos, dias depois do decreto, eu o vim visitar, ficámos ali sentados e ele mostrou-me o pequeno priapo junto do relógio-de-sol do jardim, podem vê-lo aqui, e comparou a sua obra a um poema de Horácio, em que também não se pode mudar nada. Falou do seu sentido do belo, que o forçava a procurar a verdade. E citou o lema: *hieme et aestate, et prope et procul, usque dum vivam et ultra*. E estava a referir-se à verdade.~~

ANDREA (*para o Pequeno Frade*): Já lhe constate qual foi a atitude dele no Collegium Romanum, enquanto experimentavam a luneta? Ora conta! (~~O Pequeno Frade abana a cabeça.~~) Estava absolutamente como de costume. Mãos nas ancas, barriga espetada para a frente, e dizia: «Sejamos razoáveis, meus senhores!» (*Rindo, imita Galileu.*)

*Pausa.*

ANDREA (*sobre Virgínia*): Está a rezar para que ele renegue a sua doutrina.

FEDERZONI: Deixa-a em paz. Está completamente alterada, desde que falaram com ela. Mandaram vir o seu confessor de Florença.

*Entra o indivíduo do palácio do Grão-Duque.*

INDIVÍDUO: O senhor Galileu em breve estará aqui. Deve precisar de uma cama.

FEDERZONI: Puseram-no em liberdade?

INDIVÍDUO: Espera-se que o senhor Galileu, às cinco horas, na audiência da Inquisição, abjure a sua doutrina. Nesse momento ressoará o grande sino de S. Marcos e a abjuração será publicamente proclamada.

ANDREA: Não acredito.

INDIVÍDUO: Por causa do ajuntamento de povo nas ruas, o senhor Galileu será trazido aqui ao portão do jardim das traseiras do palácio. *(Sai.)*

ANDREA *(súbitamente em voz alta)*: A Lua é uma terra e não tem luz própria. E Vénus também não tem luz própria, e é como a Terra, e gira à volta do Sol. E quatro luas andam à roda de Júpiter, astro que se encontra à altura das estrelas fixas e que não está fixo em nenhuma esfera. E o Sol é o centro do mundo, e permanece imóvel no seu lugar, e a Terra não é centro e move-se. E foi ele que nos mostrou tudo isto.

O PEQUENO FRADE: E não é pela força que se transforma o visto em não visto.

*Silêncio.*

FEDERZONI *(olha para o relógio-de-sol do jardim)*: Cinco horas.

*Virgínia reza mais alto.*

ANDREA: Não posso esperar mais! Estão a decapitar a verdade!

*Tapa as orelhas, e o mesmo faz o Pequeno Frade. Mas não se ouve o sino. Passado um momento, preenchido pelo murmúrio das preces de Virgínia, Federzoni abana a cabeça, fazendo sinal que não. Os outros deixam cair as mãos.*

FEDERZONI *(com voz rouca)*: Nada. Passam três minutos das cinco.

ANDREA: Ele resiste.

O PEQUENO FRADE: Não abjura!

FEDERZONI: Não. Oh, que felicidade!

*Abraçam-se. Estão loucos de alegria.*

ANDREA: Portanto: nem tudo se consegue pela força! A força não pode tudo! Portanto: a estu-

pidez foi vencida, não é invulnerável! Portanto: o homem já não receia a morte!

FEDERZONI: Agora começa de verdade a época da sabedoria. Esta é a hora do seu nascimento. Imaginem só, se ele tivesse abjurado!

O PEQUENO FRADE: Eu não disse nada, mas estava cheio de medo. Que pouca fé a minha!

ANDREA: Pois eu tinha a certeza.

FEDERZONI: Como se em plena manhã caísse a noite, eis como teria sido!

ANDREA: Como se a montanha dissesse: eu sou apenas água.

O PEQUENO FRADE (*ajoelha-se a chorar*): Obrigado, Senhor!

ANDREA: Mas a partir de hoje tudo se modifica! O homem, esse torturado, ergue a cabeça e exclama: Posso viver. Eis o que se consegue. Basta somente que um se levante e diga não!

*Neste momento começa a ressoar o sino de S. Marcos. Fica tudo paralisado.*

VIRGÍNIA (*ergue-se*): O sino de S. Marcos! Ele não está condenado!

*Ouve-se da rua o arauto fazendo a leitura da abjuração de Galileu.*

VOZ DO ARAUTO: «Eu, Galileu Galilei, professor de matemática e de física em Florença, renego tudo o que ensinei, que o Sol é o centro do mundo, e se mantém imóvel no seu lugar, e que a Terra não é o centro, e move-se. Renego, condeno e amaldiçoo de todo o coração e fé sincera todos estes erros e heresias, bem como quaisquer outros erros e opiniões a que a Santa Igreja se oponha.»

*Escurece.*

*Quando volta a ficar claro ainda se ouve o sino tocar, mas pára logo. Virgínia saiu. Os discípulos de Galileu ainda estão presentes.*

FEDERZONI: Nunca te pagou devidamente pelo teu trabalho. Até hoje não conseguiste comprar um par de calças, nem publicar trabalhos teus. Suportaste isso tudo porque se tratava de «trabalhar em prol da ciência».

ANDREA (*alto*): Infeliz a terra que não tem heróis!

*Entrou Galileu, completamente alterado pelo processo, quase irreconhecível. Ouviu a frase de Andrea. Espera um momento à porta que o saídem. Mas como os alunos não lhe dizem nada e se afastam, ele avança, lentamente e*

*com passo inseguro, devido à falta de vista, até encontrar um banco, onde se senta.*

ANDREA: Não posso olhar para ele. Diz-lhe que saia daqui.

FEDERZONI: Acalma-te.

ANDREA (*grita para Galileu*): Odre de vinho! Devorador de caracóis! Então, conseguiste salvar a tua querida pele? (*Senta-se.*) Sinto-me mal.

GALILEU (*calmo*): Dêem-lhe um copo de água!

*O pequeno frade vai lá fora buscar um copo com água para Andrea. Os outros não se ocupam de Galileu, que continua sentado no seu banco, prestando atenção ao que se passa. Ouve-se outra vez, vinda de longe, a voz do arauto.*

ANDREA: Já me posso ir embora, se me ajudarem um pouco.

*Levam-no até à porta. Neste momento Galileu começa a falar.*

GALILEU: Não. Infeliz a terra que precisa de heróis.

*Leitura para ser feita diante da cortina:*

É evidente que um cavalo que caia da altura de três ou quatro varas pode partir as pernas, en-

quanto um cão, caindo da mesma altura, não sofre nada. Bem como não sofrem nada um gato, que caia de uma altura de oito a dez varas, um grilo, que caia do alto de uma torre, ou uma formiga, que caia da Lua. ~~E assim como os animais~~ pequenos são relativamente mais fortes e resistentes do que os grandes, também as plantas pequenas têm melhor resistência: um carvalho com a altura de duzentas varas não poderia suportar os seus ramos da mesma maneira que um carvalho pequeno, e a Natureza não pode permitir que um cavalo atinja o tamanho de vinte cavalos, nem que um gigante seja dez vezes maior do que um homem normal, a não ser alterando as proporções de todos os seus membros, sobretudo dos ossos, que teriam de ser fortalecidos, muito para além da medida de um tamanho proporcional. A opinião corrente de que as máquinas grandes e as pequenas têm a mesma resistência está manifestamente errada.

Galilei, *Discorsi*.

1633-1642. Galileo Galilei vive numa casa de campo perto de Florença, prisioneiro da Inquisição até à morte. Os «Discorsi».

De mil seiscentos e trinta e três  
a mil seiscentos e quarenta e dois  
vive Galileu Galilei prisioneiro da Igreja  
até morrer.

UMA SALA ESPAÇOSA COM MESA, CADEIRA DE COIRO,  
E GLOBO TERRESTRE

*Galileu, velho e meio cego, está cuidadosamente a fazer experiências com uma pequena bola de madeira num carril curvo de madeira; à entrada está sentado um monge, a vigiar. Batem à porta. O monge abre, e entra um camponês com dois gansos depenados. Virginia sai da cozinha. Tem agora cerca de 40 anos de idade.*

O CAMPONÊS: Mandaram-me entregar estes gansos.

VIRGÍNIA: Da parte de quem? Não encomendei nenhuns gansos.

O CAMPONÊS: Mandaram-me dizer que é da parte de alguém que está de passagem. (*Sai.*)

*Virgínia olha para os gansos admirada. O monge tira-lhos da mão e examina-os com desconfiança. Depois devolve-lhos, tranquilizado, e ela leva-os pelo pescoço até à sala grande onde está Galileu.*

VIRGÍNIA: Alguém de passagem mandou entregar este presente.

GALILEU: O que é?

VIRGÍNIA: Não consegues ver o que é?

GALILEU: Não. (*Aproxima-se.*) Gansos. Disse-ram o nome?

VIRGÍNIA: Não.

GALILEU (*tira-lhe da mão um dos gansos*): Bom peso. Ainda era capaz de comer um bocado.

VIRGÍNIA: Não é possível que já estejas com fome. Acabaste agora mesmo de jantar. E o que é que se passa outra vez com os teus olhos? Da mesa devias poder ver os gansos.

GALILEU: Estás na sombra.

VIRGÍNIA: Não estou nada na sombra.

*Leva os gansos embora.*

GALILEU: Põe-lhes tomilho e maçã.

VIRGÍNIA (*para o monge*): Tem de se mandar vir o médico dos olhos. O pai não foi capaz de ver os gansos desde a mesa onde estava.

O MONGE: Primeiro tenho de pedir autorização a monsenhor Carpula. Ele voltou a escrever sozinho?

VIRGÍNIA: Não. ~~Sabe muito bem que ele me ditou o livro. O senhor tem as páginas 131 e 132, que foram as últimas.~~

~~O MONGE: Ele é uma raposa manhosa.~~

VIRGÍNIA: Ele não faz nada que seja contra as instruções. O seu arrependimento é verdadeiro. E eu estou sempre a vigiar. (*Dá-lhe os gansos.*) Diga lá na cozinha que assem o fígado com uma maçã e uma cebola. (*Volta para a sala grande.*) E agora vamos tratar dos nossos olhos, vamos parar depressa com essa bola, e vamos ditar mais um bocado da nossa carta semanal para o arcebispo.

GALILEU: ~~Não me sinto lá muito bem. Lê-me umas páginas de Horácio.~~

VIRGÍNIA: Ainda na semana passada monsenhor Carpula, a quem tanto devemos — ~~olha os legumes do outro dia~~ — me disse que o arcebispo lhe está sempre a perguntar se te agradam as Questões e Citações que ele te manda. (*Senta-se para começar a tomar nota da carta.*)

GALILEU: Onde é que eu ia?

VIRGÍNIA: ~~Parágrafo quarto:~~ Quanto à posição tomada pela Santa Igreja relativamente à desordem havida no arsenal de Veneza, concordo em absoluto com a atitude do Cardeal Spoietti para com os cordeiros subversivos...

GALILEU: Sim (*Dita.*) ... Concordo em absoluto com a atitude do cardeal Spoletti para com os cordeiros subversivos, isto é, acho que é melhor dar-lhes de comer em nome do amor ao próximo do que pagar-lhes mais pelo seu trabalho. Visto que parece mais sensato fortificar a sua fé e não a sua avidez. O Apóstolo Paulo diz: A caridade nunca falha. Que tal está?

VIRGÍNIA: Maravilhoso, pai.

GALILEU: Não achas que se pode adivinhar por trás uma certa ironia?

VIRGÍNIA: Não, o arcebispo vai ficar radiante. É um homem tão prático.

GALILEU: Confio na tua opinião. ~~O que vem a seguir?~~

VIRGÍNIA: Uma bela *sentença*: «É quando sou fraco que sou forte.»

GALILEU: Sem comentários.

VIRGÍNIA: Porquê?

GALILEU: O que vem a seguir?

VIRGÍNIA: «Para que possais compreender que ter amor ao Cristo é muito melhor do que ter conhecimentos.» *Paulo aos Eféso*s, III, 19.

GALILEU: Agradeço especialmente a Vossa Eminência a magnífica citação da *Epístola aos Eféso*s. Estimulado por ela, fui encontrar na nossa incomparável *Imitatio* mais alguma coisa a acrescentar. (*Cita de cor:*) «Aquele que entende a palavra eterna, fica liberto de muitas interrogações.» Ser-me-á permitido, aproveitando esta ocasião, falar de um assunto que me diz respeito? Ainda continuam a censurar-me por ter outrora escrito um livro sobre os corpos celestes em linguagem vulgar. Não era minha intenção propor ou aprovar que livros sobre assuntos muito mais importantes, como por exemplo a teologia, fossem escritos no jargão dos vendedores de massas alimentícias. O argumento do serviço litúrgico em latim, segundo o qual a universalidade desta língua permite que todos os povos oiçam a Santa Missa da mesma maneira, parece-me pouco feliz, porque os blasfemos, sempre dispostos a atacar, podem dizer que isso é uma maneira de nenhum dos povos perceber o texto. Renuncio de boa vontade a uma compreensão superficial das coisas divinas. O latim do púlpito, que protege a eterna verdade da Igreja contra a curiosidade dos ignorantes, inspira confiança, quando falado por pa-

dres oriundos das classes mais baixas, com o acento do seu dialecto local. — Não, risca isso.

VIRGÍNIA: Risco tudo?

GALILEU: Tudo, a partir de vendedores de massas alimentícias.

*Batem à porta. Virgínia vai à sala de entrada.  
O monge abre. É Andrea Sarti, agora um homem de meia-idade.*

ANDREA: Boa noite. Estou em vias de deixar a Itália, vou para a Holanda dedicar-me à investigação científica, e pediram-me que de passagem o procurasse para poder dar notícias dele.

VIRGÍNIA: Não sei se ele te quer ver. Nunca vieste cá.

ANDREA: Pergunta-lhe.

*Galileu reconheceu a voz. Está sentado imóvel.  
Virgínia vai ter com ele.*

GALILEU: É Andrea.

VIRGÍNIA: Sim. Devo mandá-lo embora?

GALILEU (*passado um momento*): Trá-lo cá para dentro.

*Virgínia vai buscar Andrea.*

VIRGÍNIA (*para o monge*): É inofensivo. Foi seu aluno, e agora é seu inimigo.

GALILEU: Virgínia, deixa-me sozinho com ele.

VIRGÍNIA: Quero ouvir o que ele diz. (*Senta-se.*)

ANDREA (*friamente*): Então como está?

GALILEU: Aproxima-te mais. Que é feito de ti? Conta-me como vai o teu trabalho. Ouvi dizer que é sobre hidráulica.

ANDREA: Fabrício de Amsterdão pediu que me informasse da sua saúde.

*Pausa.*

GALILEU: Encontro-me bem. São extremamente atenciosos comigo.

ANDREA: Alegra-me poder ir dizer que se encontra bem de saúde.

GALILEU: Fabrício ficará satisfeito. E podes ainda dizer-lhe que vivo com relativo conforto. Pela profundidade do meu arrependimento obtive dos meus superiores a graça de poder continuar os meus estudos científicos dentro de certos limites e sob controle espiritual da Igreja.

ANDREA: ~~Sim~~, senhor. Nós também tínhamos ouvido dizer que a Igreja estava satisfeita consigo. A sua completa submissão teve o efeito de-

sejado. Afirma-se que os seus superiores têm verificado com satisfação que em Itália nunca mais se editou nenhum trabalho com teorias novas, desde que o senhor se submeteu.

GALILEU (*prestando bem atenção*): Infelizmente há terras que se subtraem à custódia da Igreja. Receio bem que aí se continue a fomentar as doutrinas condenadas.

ANDREA: Não. Também aí, na sequência da sua abjuração, as coisas se modificaram. O que muito alegrou a Igreja.

GALILEU: De verdade? (*Pausa.*) Não há nada de Descartes? Nada de Paris?

ANDREA: Há. Quando soube da sua abjuração, meteu logo na gaveta o tratado que tinha escrito sobre a natureza da luz.

*Longa pausa.*

GALILEU: Estou preocupado por causa de alguns amigos cientistas que induzi em erro. Aprenderam alguma coisa com a minha abjuração?

ANDREA: Para poder dedicar-me à investigação científica faço tenções de ir para a Holanda. ~~Não se permite a um inferior aquilo que o superior não se permite a si próprio.~~

GALILEU: Compreendo.

ANDREA: Federzoni regressou ao seu trabalho de polidor de lentes, numa loja qualquer de Milão.

GALILEU (*ri*): Não sabe latim.

*Pausa.*

ANDREA: Fulgêncio, o nosso pequeno frade, desistiu da investigação científica e regressou ao seio da Igreja.

GALILEU: Sim.

*Pausa.*

GALILEU: Os meus superiores aguardam para breve a minha recuperação espiritual. Faço muito mais progressos do que seria de esperar.

ANDREA: Ah sim.

VIRGÍNIA: Louvado seja o Senhor.

GALILEU (*com rudeza*): Vai ver os gansos, Virgínia.

*Virgínia sai, zangada. Ao vê-la, o monge dirige-se a ela.*

O MONGE: Não gosto deste homem.

VIRGÍNIA: É inofensivo. Não está a ouvir? (*Retirando-se:*) Recebemos queijo fresco de cabra.

*O monge vai atrás dela.*

ANDREA: ~~Vou viajar toda a noite, para poder passar a fronteira de manhã cedo.~~ Posso ir-me embora?

GALILEU: Não sei porque vieste, Sarti. Foi para me perturbar? Vivo com cautela e penso com cautela, desde que estou aqui. E mesmo assim, tenho recaídas.

ANDREA: Não o queria incomodar, senhor Galileu.

GALILEU: Barberini chamou a isto «sarna». Ele próprio não estava completamente livre dela. Voltei a escrever.

ANDREA: Sim?

GALILEU: Acabei os *Discorsi*.

ANDREA: O quê? Os *Diálogos referentes a dois novos ramos do saber: Mecânica e Queda dos Corpos*? Aqui?

GALILEU: Oh, dão-me papel e pena. Os meus superiores não são parvos. Sabem que os vícios muito fortes não se podem eliminar de um dia para o outro. Protegem-me de consequências nefastas retirando e guardando as folhas à medida que escrevo.

ANDREA: Meu Deus!

GALILEU: Disseste alguma coisa?

ANDREA: Que suplício! Dão-lhe papel e pena para o acalmar! Como consegue escrever, com tal perspectiva diante dos olhos?

GALILEU: Oh, sou um escravo dos meus hábitos.

ANDREA: Os *Discorsi* na mão dos padres! E Amsterdão e Londres e Praga que tanto precisam deles!

GALILEU: Já oiço o Fabrício a lamentar-se e a exigir o seu bocado, bem ao abrigo em Amsterdão.

ANDREA: Dois novos ramos do saber completamente perdidos!

GALILEU: ~~Ele e outros não de ficar seguramente entusiasmados, quando souberem que~~ arrisquei os últimos míseros restos da minha segurança, para fazer uma cópia às escondidas de mim próprio, por assim dizer, aproveitando até ao último raio de luz as noites mais claras de há seis meses para cá.

ANDREA: Tem uma cópia?

GALILEU: A minha vaidade impediu-me até agora de a destruir.

ANDREA: Onde está?

GALILEU: «Se o teu olho é para ti causa de pecado arranca-o.» Aquele que escreveu isto, seja lá quem for, sabia mais de conforto do que eu. Tenho a certeza de que é o cúmulo da loucura entregar-te esta cópia. Mas já que não consegui pôr de parte a investigação científica, o melhor é vocês aproveitarem. A cópia está dentro do globo. Se decidires levá-la contigo para a Holanda terás naturalmente de suportar toda a responsabilidade. Dirás nesse caso que a compraste a alguém que tinha acesso ao original do Santo Ofício.

*Andrea aproximou-se do globo. Retira a cópia.*

ANDREA: Os *Discorsi!*

*Folheia o manuscrito.*

ANDREA (*lê*): «É minha intenção fundar uma ciência completamente nova, com base num assunto muito velho, o movimento. Descubri, através das minhas experiências, algumas das suas propriedades, dignas de serem conhecidas.»

GALILEU: Tinha de fazer qualquer coisa, para ocupar o tempo.

ANDREA: Isto irá fundar uma nova física.

GALILEU: Mete-o dentro do casaco.

ANDREA: E nós pensávamos que tinha desertado! A minha voz era a que se erguia mais alto contra si!

GALILEU: É natural. Ensinei-te a ciência, e neguei a verdade.

ANDREA: Isto modifica tudo. Tudo.

GALILEU: Sim?

ANDREA: O senhor escondeu a verdade. ~~Do inimigo. Também no campo da ética tinha séculos de avanço sobre nós.~~

~~GALILEU: Explica o que queres dizer, Andrea.~~

ANDREA: Tal como o homem da rua, nós dizíamos: ele morre, mas nunca abjurará. O senhor regressou: abjurei, mas continuo vivo. As suas mãos estão manchadas, dizíamos nós. O senhor diz: é melhor manchadas do que vazias.

GALILEU: Melhor manchadas do que vazias. Tem um ar realista. Parece frase minha. ~~Nova ciência, nova ética.~~

ANDREA: Eu mais do que ninguém tinha a obrigação de saber! Tinha eu onze anos quando o senhor vendeu ao senado de Veneza uma luneta inventada por outro. E vi-o utilizar esse instrumento de um modo imperecível. Os seus amigos

abanavam a cabeça, quando o senhor se curvava perante a criança de Florença: mas a ciência ganhava assim um público. O senhor estava sempre a fazer troça dos heróis. «As pessoas que sofrem aborrecem-me», costumava dizer. «A infelicidade resulta de cálculos mal feitos.» E: «Havendo obstáculos, a distância mais curta entre dois pontos pode ser a linha curva.»

~~GALILEU: Bem me lembro.~~

ANDREA: Quando em 33 decidi abjurar um ponto especialmente popular da sua doutrina, eu devia ter calculado que se estava meramente a retirar de uma discussão política sem futuro, para continuar a desenvolver uma actividade verdadeiramente científica.

GALILEU: Que consiste em...

ANDREA: ... estudar as propriedades do movimento, pai das máquinas, as únicas que podem tornar habitável a terra em que vivemos, a ponto de o céu não ser preciso.

~~GALILEU: Aha.~~

ANDREA: Obteve assim a tranquilidade necessária para escrever um trabalho científico, que só o senhor poderia escrever. Se tivesse gloriamente acabado na fogueira, seriam os outros a ganhar.

GALILEU: Foram eles que ganharam. E não há nenhum trabalho científico que possa ser escrito somente por um homem.

ANDREA: Então porque abjurou?

GALILEU: Abjurei porque tive medo da dor física.

ANDREA: Não!

GALILEU: Mostraram-me os instrumentos.

ANDREA: Então não foi tudo um plano?

GALILEU: Não, não foi.

*Pausa.*

ANDREA (*alto*): A ciência tem só um mandamento: o contributo científico.

GALILEU: E esse já eu o dei. Bem-vindo à sarjeta, irmão na ciência e primo na traição! Gostas de peixe? Tenho peixe. O que cheira mal não é o peixe, sou eu. Eu vendo, tu és um comprador. Ó irresistível visão do livro, sagrada mercadoria! A água cresce na boca e afoga as maldições! A grande Babilónia, a besta assassina, escarlate, abre as pernas, e tudo se modifica! Santificada seja a nossa comunidade de traficantes, cheia de pureza e de medo da morte!

ANDREA: O medo da morte é humano! As fraquezas humanas não têm nada a ver com a ciência.

GALILEU: Não! Meu caro Sarti, mesmo na situação em que me encontro ainda me sinto capaz de vos dar algumas indicações sobre tudo o que diz respeito à ciência a que vocês se dedicaram.

*Pequena pausa.*

GALILEU (*cruza as mãos sobre a barriga, em atitude professoral*): Nas minhas horas vagas, que são muitas, tenho meditado profundamente sobre o meu caso, pensando de que maneira o julgará o mundo da ciência, do qual considero ~~que já não faço parte~~. Até mesmo um comerciante de lã tem a obrigação de se preocupar, não só com a compra barata e a venda mais cara, mas também com o facto de o comércio de lã poder continuar a processar-se normalmente, sem quaisquer entraves. A prática da ciência, neste aspecto, parece-me requerer uma especial coragem. Ocupa-se do saber, que se obtém através da dúvida. Dando a todos o conhecimento de todas as coisas, a ciência aspira a transformar todos em cépticos. ~~Mas a maior parte da população é mantida pelos príncipes, pelos senhores, e pelos padres numa atmosfera nacarada de superstição e velhas fórmulas, que esconde as suas~~

~~maquinações~~ O sofrimento da maioria é velho como a montanha, e a Igreja e a Universidade declaram-no indestrutível, como a própria montanha. A nossa nova arte de duvidar fascinou o grande público, que nos arrancou o telescópio da mão e o apontou para os seus algozes. ~~Estes~~ homens egoístas e violentos que avidamente se apropriaram dos frutos da ciência, sentiram, ao mesmo tempo, o frio olhar da ciência pousado numa miséria milenária mas artificial, que podia manifestamente ser eliminada, quando eles próprios fossem também eliminados. Vieram então encher-nos de ameaças e subornos, a que uma alma fraca não sabe resistir. Mas podemos nós recusar-nos à multidão e continuar, mesmo assim, a ser cientistas? Os movimentos dos corpos celestes tornaram-se mais nítidos; mas para o povo o movimento dos senhores continua ainda a ser ~~imprevisível~~. A luta para que o céu se tornasse mensurável foi ganha através da dúvida. Mas a luta da dona de casa pelo leite, todos os dias é perdida através da credulidade. ~~A~~ ciência, Sarti, está ligada a estas duas lutas. Uma Humanidade perdida nesta atmosfera nacarada de milénios de superstição e velhas fórmulas, demasiado ignorante para desenvolver plenamente as suas próprias forças, nunca será capaz de desenvolver as forças da Natureza que vocês vão pondo a descoberto. Qual a finalidade do vosso trabalho? Considero que a única finalidade da ciência con-

~~siste em aliviar o peso da existência humana.~~  
No dia em que os cientistas, intimidados por aqueles que interesseiramente detêm o poder, se contentarem apenas com a acumulação de conhecimentos, pelo prazer do conhecimento, nesse dia a ciência pode ser transformada em aleijão e as vossas novas máquinas poderão significar apenas novos tormentos. É possível que com o tempo vocês venham a descobrir tudo o que há para descobrir, mas esse progresso será apenas um afastamento em relação à Humanidade. O abismo entre vocês e ela pode tornar-se tão grande, que um dia, quando gritarem alegres com qualquer nova aquisição, podem ouvir em resposta um grito universal de horror. Eu tinha como cientista uma possibilidade única. Foi no meu tempo que a astronomia chegou às praças públicas. Em circunstâncias tão excepcionais, a firmeza de um homem podia ter provocado grandes alterações. Se eu tivesse resistido, os cientistas poderiam ter elaborado algo de semelhante ao juramento hipocrático dos médicos, a promessa de utilizar exclusivamente o seu saber para bem da Humanidade! ~~Mas tal como as coisas estão agora, o máximo que se pode esperar é uma~~ ~~raça de pigmeus engenhosos, que poderão ser~~ ~~alugados para fazer seja o que for.~~ Além do mais, Sarti, adquiri a convicção de que nunca cheguei a estar realmente em perigo. Durante alguns

anos fui tão forte como as autoridades. E entreguei a minha ciência aos governantes, para fazerem uso dela, ou não fazerem uso dela, ou ainda fazerem mau uso dela, como melhor lhes convier. (*Virgínia entrou com uma travessa. Fica parada.*) Atraiçoei a minha profissão. Um homem que faz o que eu fiz não pode ser tolerado nas fileiras da ciência.

VIRGÍNIA: Foste acolhido nas fileiras dos cren-tes.

*Vai pôr a travessa na mesa.*

GALILEU: É verdade. E agora tenho de ir comer.

*Andrea estende-lhe a mão. Galileu olha para a mão, sem a apertar.*

GALILEU: Agora tu próprio és professor. Podes permitir-te apertar esta mão? (*Vai para a mesa.*) Alguém de passagem por aqui mandou-me dois gansos. Ainda continuo a gostar de coisas boas.

ANDREA: Então já não pensa que estamos no início de uma nova época?

GALILEU: Penso. Toma bem conta de ti, quando atravessares a Alemanha com a verdade debaixo do casaco.

ANDREA (*incapaz de se ir embora*): No que se refere à sua apreciação do autor de que estávamos a falar, não sei que lhe responda. Mas não posso imaginar que a sua crítica assassina seja de facto a última palavra.

GALILEU: Muito obrigado, senhor. (*Começa a comer.*)

VIRGÍNIA (*levando Andrea para fora*): Não gostamos de visitas do passado. Excitam-no muito.

*Andrea sai. Virgínia regressa à sala.*

GALILEU: Tens alguma ideia de quem possa ter mandado os gansos?

VIRGÍNIA: O Andrea não foi.

GALILEU: Talvez não. Como está a noite?

VIRGÍNIA (*à janela*): Clara.

↓  
fim musical  
saída dos músicos

1637: *O livro de Galileu, Discorsi, atravessa a fronteira italiana.*

Amigos, medital bem sobre o final:  
a ciência fugiu pela fronteira.

Nós, sequeiros de saber,  
ele e eu, ficámos para trás.

Protegei vós agora a luz da ciência,

usai-a bem e não a useis mal,  
para que um dia, em enorme incêndio,  
ela não nos destrua a todos nós.

Sím, a todos nós.

FIM

PEQUENA CIDADE DA FRONTEIRA ITALIANA

*De manhã cedo. Na barreira da fiscalização brincam crianças. Andrea espera junto de um cocheiro que os guardas verifiquem os seus papéis. Está sentado num pequeno caixote, e lê o manuscrito de Galileu. Do outro lado da barreira está o coche em que deve seguir viagem.*

AS CRIANÇAS (*cantam*):

Maria estava sentada numa pedra  
tinha uma camisinha cor-de-rosa  
a camisinha estava toda toda borrada.  
Mas quando chegou o Inverno

ela vestiu a camisa.  
Borrada não é rasgada.

O GUARDA: Porque deixa a Itália?

ANDREA: Sou cientista.

O GUARDA (*para o escrivão*): Escreve em «motivo da partida»: Cientista. Tenho de inspeccionar a sua bagagem. (*Inspecciona.*)

O PRIMEIRO MIÚDO (*para Andrea*): Não se devia sentar aí. (*Aponta para a cabana diante da qual Andrea está sentado.*) Vive uma bruxa ali dentro.

O SEGUNDO MIÚDO: A velha Marina não é nenhuma bruxa.

O TERCEIRO MIÚDO: Ai isso é que é. De noite voa pelo ar.

O PRIMEIRO MIÚDO: E se não é uma bruxa porque é que na cidade nunca lhe dão nada, nem sequer um tacinho de leite?

O SEGUNDO MIÚDO: E como é que ela pode voar? Ninguém pode voar. (*Para Andrea:*) As pessoas podem voar?

O PRIMEIRO MIÚDO (*por cima do segundo*): Este é o Giuseppe. Não sabe nada de nada, porque não vai à escola, porque não tem calças em termos.

O GUARDA: Que livro é este?

ANDREA (*sem levantar os olhos*): É do grande filósofo Aristóteles.

O GUARDA (*desconfiado*): E quem é ele?

ANDREA: Já morreu.

*Os miúdos, para troçar de Andrea que continua a ler, põem-se a andar à roda, fingindo enquanto andam que também estão a ler.*

O GUARDA (*para o escrivão*): Espreita aí a ver se há alguma coisa sobre religião.

O ESCRIVÃO (*folheia*): Não vejo nada.

O GUARDA: Toda esta busca não faz sentido. Se ele tivesse alguma coisa para esconder não a ia deixar assim à vista. (*Para Andrea:*) Tem de assinar, declarando que inspeccionámos tudo.

*Andrea levanta-se, hesitando, e sempre a ler vai com os guardas para dentro de casa.*

O TERCEIRO MIÚDO (*para o escrivão, apontando o caixote*): Ainda está ali uma coisa, vê?

O ESCRIVÃO: Isso não estava já aí?

O TERCEIRO MIÚDO: Foi o Diabo que o trouxe para aqui. É um caixote.

O SEGUNDO MIÚDO: Não. Pertence àquele estrangeiro.

O TERCEIRO MIÚDO: Eu não me aproximava. Ela enfeitiçou os cavalos do cocheiro Rossi. Eu mesmo espreitei pelo buraco que a neye fez no telhado, e ouvi muito bem como eles tossiam.

O ESCRIVÃO (*que já estava quase ao pé do caixote, hesita, e volta para trás*): Uma gracinha do Diabo, hem? Bem, nós não podemos controlar tudo. Senão, o que seria de nós!

*Andrea volta outra vez, com um cântaro de leite. Senta-se de novo no caixote e continua a ler.*

O GUARDA (*seguindo-o com os papéis*): Fecha outra vez os caixotes. Está tudo em ordem?

O ESCRIVÃO: Tudo.

O SEGUNDO MIÚDO (*para Andrea*): O senhor é cientista. Então diga lá: uma pessoa pode voar?

ANDREA: Espera um momento.

O GUARDA: Pode passar.

*O cocheiro pegou na bagagem. Andrea agarra no caixote e prepara-se para se ir embora.*

O GUARDA: Alto! Que caixote é esse?

ANDREA (*pegando outra vez no seu livro*): São livros.

O PRIMEIRO MIÚDO: É o caixote da bruxa.

O GUARDA: Disparate. Como é que ela pode enfeitiçar um caixote?

O TERCEIRO MIÚDO: Pois se o Diabo a ajuda!

O GUARDA (*ri*): Isso aqui não pega. (*Para o escrivão.*) Abre.

*O caixote é aberto.*

O GUARDA (*sem entusiasmo*): Quantos são?

ANDREA: Trinta e quatro.

O GUARDA (*para o escrivão*): Quanto tempo demoras?

O ESCRIVÃO (*que começou a remexer por alto o caixote*): Tudo coisas já impressas. Vai fazer-se tarde para o seu pequeno-almoço, e se eu tenho de folhear todos os livros como quer que vá a casa do cocheiro Passi durante o leilão da casa, para receber as portagens atrasadas?

O GUARDA: Sim, precisamos do dinheiro. (*Dá um pontapé nos livros.*) Ora, o que é que pode lá estar dentro! (*Para o cocheiro:*) Siga!

*Andrea atravessa a fronteira com o cocheiro, que leva o caixote. Já do outro lado, mete o manuscrito de Galileu no saco de viagem.*

O TERCEIRO MIÚDO (*aponta para o cântaro, que Andrea deixou ficar*): Olhem ali!

O PRIMEIRO MIÚDO: E o caixote desapareceu! Estão a ver como era o Diabo, estão a ver?

ANDREA (*virando-se*): Não era nada. Fui eu. Tens de aprender a abrir os olhos. O leite está pago e o cântaro também. É para dar à velha. Sim, ainda não respondi à tua pergunta, Giuseppe. Com uma vassoura não se pode voar. Era preciso que ela tivesse pelo menos uma máquina lá dentro. Mas uma máquina assim ainda não existe! Talvez nunca venha a existir, talvez o homem seja demasiado pesado. Mas é evidente que não podemos saber. Ainda nos falta saber muito, Giuseppe. Na verdade estamos somente no princípio.

## NOTAS SOBRE A VIDA DE GALILEU<sup>1</sup>

### PREFACIO

Sabe-se como a convicção de estar no início de uma nova época pode influenciar de modo positivo os homens. O mundo que os rodeia parece-lhes ainda deficiente, incompleto, mas capaz dos melhoramentos mais satisfatórios, cheio de possibilidades, inimagináveis e imagináveis, como uma matéria-prima que julgam poder moldar facilmente com as suas mãos. Imaginam-se a si próprios como de manhã, repousados, enérgicos, cheios de ideias novas. Aquilo em que até aqui acreditavam passa agora a ser superstição, aquilo que ainda ontem lhes parecia evidente é submetido agora a novo estudo. Até agora fomos dominados, dizem os homens, mas de agora em diante seremos nós a dominar.

Nenhum outro verso de canção entusiasmou tanto os trabalhadores do virar do século como o verso «conosco vai o novo tempo»; velhos e novos marchavam a seu ritmo, e os mais pobres e desprotegidos, e os que já se tinham batido um pouco pela civilização. Todos se sentiam como novos. (...) A nova época era e é algo que diz respeito a tudo e a todos, que não deixa nada na mesma, que vem agora revelar o seu carácter, algo em que há lugar para toda a fantasia, e que as afirmações demasiado categóricas só podem limitar.

<sup>1</sup> As notas sobre a *Vida de Galileu* já não puderam ser organizadas e revistas por Brecht para a publicação. Estão impressas tal como se encontravam, e ainda por redigir (E. H.).

Ama-se a sensação de se estar no princípio, a situação de pioneiro, a posição de principiante desperta entusiasmo. Ama-se a sensação de felicidade daqueles que deitam óleo numa nova máquina, antes de ela revelar o seu poder, daqueles que preenchem um ponto em branco num velho mapa, daqueles que erguem as fundações de uma nova casa, a sua casa.

Este sentimento conhece-o o investigador ao fazer uma nova descoberta que irá transformar tudo, o orador ao preparar um discurso que irá criar uma nova situação. Terrível a desilusão, quando os homens reconhecem ou julgam reconhecer que foram vítimas de uma ilusão, e que afinal o «antigo» é mais forte do que o «novo», que os «factos» são contra eles e não a seu favor, que o seu tempo, o novo, ainda não chegou. Neste caso a situação não é tão má como antes, mas muitíssimo pior. Porque sacrificaram aos seus ideais tudo o que agora lhes falta, arriscaram-se e agora são atacados, o antigo vinga-se deles. O investigador ou descobridor, um homem desconhecido, mas também um homem que ninguém perseguia antes de ele dar a conhecer a sua descoberta, é agora, nos sítios onde ela foi refutada ou difamada, considerado um charlatão e um tratante infelizmente por demais conhecido, albergando no fundo um revolucionário ao qual se irá aplicar o devido castigo. Ao esforço segue-se o esgotamento, à esperança talvez exagerada o talvez exagerado desespero. Os que não caem na apatia e no indiferentismo, caem em pior; os que não perderam a actividade voltam-na agora contra os ideais que antes tinham defendido! Não há reaccionário mais inexorável do que o progressista falhado, não há elefante mais cruelmente inimigo dos elefantes selvagens do que o elefante domesticado.

E, no entanto, todos estes desiludidos continuam ainda a gostar de viver num novo tempo, tempo de

grande subversão. Só que não percebem nada de tempos novos.

Nestas alturas o próprio conceito de «novo» é falseado. O velho e o velhíssimo que voltam a entrar em cena apregoam-se como novos, ou são declarados novos ao serem apresentados sob uma nova forma. Mas o verdadeiramente novo, porque foi destituído, é apresentado como datando já de ontem, moda passageira cujo tempo passou. O novo é, por exemplo, a maneira de se fazerem guerras, e o velho será uma maneira de governar (subentende-se ainda nunca posta em prática), que torne as guerras desnecessárias. Novo será manter a divisão da sociedade em classes, velho é querer eliminar as diferenças. Em tais épocas as esperanças dos homens não são diminuídas em nada, mas são voltadas ao contrário. Esperou-se que um dia houvesse pão para comer. Agora pode-se esperar que um dia haja pedras para comer.

No meio da crescente escuridão que cai sobre um mundo febril, cheio de feitos sangrentos e pensamentos não menos sangrentos, cheio de uma selvajaria concentrada que sem entraves parece dirigir talvez a maior e mais terrível guerra de todos os tempos, é difícil defender uma atitude que convenha a pessoas no limiar de uma época nova e feliz. Pois tudo indica que está a anoitecer, e não a amanhecer um novo tempo. Não se deve pois tomar antes uma atitude que convenha a pessoas que vão ao encontro da noite?

Que significa «Novo Tempo»? Não estará já esta própria expressão ultrapassada? (...) Agora é a barbárie que se dá ares de nova. Diz de si mesma que espera durar mil anos.

Mas será isso razão para nos mantermos apegados ao velho tempo, para falarmos da Atlântida submersa?

Já deitado na cama, será que penso antes na manhã que passou, para não pensar na que chega? É por essa razão que me ocupo daquela época de florescimento das artes e das ciências, de há trezentos anos? Espero que não.

As imagens da «manhã» e da «noite» induzem-nos em erro. Os tempos felizes não chegam como a manhã chega depois de uma noite bem dormida.

#### IMAGEM OBJECTIVA DE UMA ÉPOCA NOVA

##### *Prefácio para uma versão americana*

Quando, nos primeiros anos de exílio na Dinamarca, escrevi a peça *Vida de Galileu*, fui ajudado, na reconstituição da ideia ptolomaica do mundo, por assistentes de Niels Bohr que estavam a trabalhar no problema da desintegração do átomo. Era minha intenção, entre outras, dar a imagem objectiva, sem disfarces, de uma nova época — empreendimento árduo, pois todos à nossa volta estavam convencidos de que à nossa época faltava ainda tudo para poder ser considerada uma época nova. Neste aspecto nada se tinha modificado quando eu, anos depois, comecei a preparar com Charles Laughton uma versão americana da peça. A «era atómica» teve o seu início, em Hiroxima, quando estávamos a meio do nosso trabalho. De um dia para o outro, a biografia do fundador da nova física passou a ser lida de modo diferente. O infernal efeito da bomba atómica fez incidir nova luz, mais penetrante, sobre o conflito de Galileu com as autoridades do seu tempo. Havia só umas pequenas modificações a fazer, não sendo nenhuma na

estrutura. Já no original a Igreja era apresentada como autoridade temporal, e a sua ideologia, no fundo, igual a muitas outras. Desde o início que a chave da gigantesca figura de Galileu era a sua concepção de uma ciência ligada ao povo e a ele consagrada. Por toda a Europa, durante séculos, o povo concedeu-lhe a honra de não acreditar na sua abjuração, embora já de há muito troçasse dos cientistas considerando-os unilaterais, pouco práticos e pouco viris. (Já a palavra «sábio» sugere algo de ridículo; tem algo de «adestrado», de passivo. [...] Os «cultos», e também esta palavra revela essa passividade fatal, falavam de uma vingança dos «incultos», de um ódio nato contra o «espírito» e o seu desprezo tinha realmente muitas vezes uma mistura de ódio; nas aldeias e subúrbios reagia-se ao «espírito» como a algo de estranho e inimigo. Mas mesmo nas «classes melhores» se encontrava igual desprezo. Havia o «mundo dos sábios», que era um mundo à parte. O «sábio» era uma figura impotente, anémica, extravagante, «convencida», sem aptidão para viver.)

##### *Nota final da representação americana<sup>1</sup>*

É preciso que se saiba que a nossa representação se deu na altura e no país em que precisamente a bomba atómica foi fabricada e militarmente utilizada, e em que agora a física atómica se cobriu de pesado segredo. O dia do lançamento dificilmente será esquecido por aqueles que o viveram nos Estados Unidos. A guerra contra o Japão foi das guerras que realmente custou

<sup>1</sup> Verão de 1947 em Beverly Hills, Cal., USA, com Charles Laughton no papel de Galileu.

sacrifícios e vítimas aos Estados Unidos. Os transportes de tropas saíam da costa ocidental e aí regressavam os feridos e as vítimas das doenças asiáticas. Quando as primeiras notícias chegaram a Los Angeles, soube-se que isso significava o fim da terrível guerra, o regresso dos filhos e dos irmãos. Mas a grande cidade ergueu-se numa dor espantosa. O autor da peça ouviu condutores de autocarros e vendedoras de frutas exprimir somente horror. Era a vitória, mas era também a ignomínia de uma derrota. Depois foi o segredo que militares e políticos mantiveram sobre a gigantesca fonte de energia, o que revoltou os intelectuais. A liberdade de investigação, a troca de descobertas, a comunidade internacional dos investigadores foi paralizada por autoridades de quem se desconfiava ao máximo. Grandes físicos fugiram, abandonando o serviço dos seus governos bélicos. Um dos mais notáveis aceitou um lugar de professor que o obrigava a desperdiçar o seu tempo de trabalho ensinando os princípios mais elementares, só para não ter de trabalhar para tais autoridades. Passara a ser vergonhoso descobrir fosse o que fosse.

#### LOUVOR OU CONDENAÇÃO DE GALILEU?

Seria uma grande falha da obra se tivessem razão os físicos que — com ar aprovador — me disseram que a abjuração de Galileu era, apesar de algumas «oscilações», exposta de maneira sensata, com o fundamento de assim ter podido continuar o seu trabalho de investigação para o legar à posteridade. Na realidade Galileu enriqueceu a astronomia e a física mas retirou-lhes simultaneamente uma grande parte do seu significado social. Provocando o descrédito da *Bíblia* e da Igreja, [estas ciências] mantiveram-se por algum tempo nas barricadas em defesa do progresso. É certo que,

nos séculos seguintes se deu apesar de tudo uma reviravolta em que elas participaram, mas era precisamente uma reviravolta em vez de uma revolução, e o escândalo transformou-se por assim dizer numa disputa entre especialistas. A Igreja e juntamente com ela toda a reacção puderam assim bater ordenadamente em retirada e afirmar relativamente o seu poder. No que se refere propriamente a estas ciências, nunca mais voltaram a desempenhar na sociedade o papel de relevo de outrora, nunca mais se voltaram a aproximar tanto do povo.

O crime de Galileu pode ser considerado o «pecado mortal» das ciências modernas. Da nova astronomia, que interessava em especial uma nova classe, a burguesia, por favorecer as correntes sociais revolucionárias da época, fez ele uma ciência especializada, extremamente limitada, que precisamente pela sua «pureza», isto é, sua indiferença pelo modo de produção, se podia desenvolver com relativa liberdade. A bomba atómica é, como fenómeno técnico e como fenómeno social, o clássico resultado da sua realização científica e da sua negação social.

O «herói» da obra não é portanto Galileu mas o povo, como disse Walter Benjamin. Parece-me que esta afirmação é demasiado resumida. Espero que o trabalho mostre como a sociedade extrai dos seus indivíduos aquilo de que precisa. O instinto da investigação, fenómeno social não menos agradável ou ditatorial do que o instinto da reprodução, leva Galileu para um domínio perigoso, e fá-lo entrar em conflito com o seu ardente desejo de outros prazeres. Aponta a luneta para os astros e entrega-se à tortura. Por fim dedica-se à sua ciência em segredo, como se fosse um vício, aparentemente com remorsos. Diante de tal situação, não se pode gostar muito de ter de optar só pelo elogio ou só pela condenação de Galileu.

## VIDA DE GALILEU NÃO É UMA TRAGÉDIA

Para o teatro põe-se o problema de saber se a *Vida de Galileu* deverá ser representada como uma tragédia ou como uma peça optimista. O tom geral deverá acentuar a «saudação do novo tempo» através de Galileu na primeira cena ou certas partes da cena treze? Segundo as regras dominantes da construção dramática, deve dar-se maior peso ao final de uma peça. Mas a peça não foi construída segundo essas regras. A peça mostra o início de uma nova época e procura rever alguns juízos sobre o que é o início de uma nova época.

### REPRESENTAÇÃO DA IGREJA

Para o teatro é importante saber que esta peça perderá uma grande parte do seu efeito se a representação for principalmente dirigida contra a Igreja católica. Das personagens em cena muitas trajam vestes da Igreja. Os actores que por esse motivo as quisessem tornar odiosas fariam mal. Por outro lado, como é evidente, também a Igreja não tem nenhum direito de ver disfarçadas as fraquezas humanas dos seus membros. Demasiadas vezes tem ela instigado estas fraquezas e impedido que sejam descobertas. Mas não se trata nesta peça de chamar a Igreja à ordem: «Tira as tuas mãos da ciência!» A ciência moderna é uma filha legítima da Igreja, emancipou-se e voltou-se contra a sua mãe.

Nesta peça a Igreja funciona somente como autoridade, mesmo quando se opõe à investigação livre. Como a ciência era um ramo da teologia, a Igreja é a autoridade espiritual, última instância política. A peça mostra a vitória provisória da autoridade, não a da espiritualidade. Corresponde à verdade histórica, quando o Galileu

da peça nunca se volta directamente contra a Igreja. Não há nenhuma frase de Galileu nesse sentido. Se tivesse havido alguma, certamente que uma comissão de inquérito tão rigorosa como a da Inquisição a teria trazido à luz. El corresponde igualmente à verdade histórica o facto de o maior astrónomo do Colégio Papal Romano, Cristóvão Clavius, ter confirmado as descobertas de Galileu (cena 6). Do mesmo modo é verdade que entre os seus alunos havia padres (cenas 8, 9, 13).

Satirizar os interesses temporais de altos dignatários parece-me fácil (seria na cena 7). A maneira accidental com que estes altos funcionários tratam o investigador serve aqui somente para mostrar que eles, baseando-se na sua experiência, pensam poder contar, também em Galileu, com uma rápida anuência. E não se enganam.

Se pensarmos nos nossos políticos burgueses devíamos até enaltecer os interesses espirituais e científicos destes políticos de outrora.

A peça também renuncia a tomar em consideração as falsificações do Auto de 1616 pelos serviços da Inquisição em 1633, determinadas pelas novas ciências históricas sob orientação do sábio alemão Emil Wohlwill. A sentença do julgamento de 1633 foi sem dúvida nenhuma tornada juridicamente possível devido a essas falsificações. Quem compreendeu a situação acima esboçada perceberá que ao autor não interessava esse lado jurídico do processo.

Não há dúvida que Urbano VIII estava pessoalmente aborrecido com Galileu, e isso levou-o a ocupar-se pessoalmente da acção contra ele, de maneira odiosa. A peça não se refere ao facto.

Quem entende a perspectiva do autor compreenderá que esta posição não significa submissão à Igreja do século XVII, nem à do século XX.

O tratamento da Igreja como autoridade não proporciona à Igreja, no processo teatral que a peça move à perseguição do defensor da investigação livre, nenhuma sentença absolutória. Seria realmente grave, precisamente hoje, transformar um assunto como o da luta de Galileu pela liberdade de investigação num assunto de carácter religioso. Com isso a atenção seria, de modo infeliz, desviada das autoridades reaccionárias de hoje em dia.

### O GALILEU DE LAUGHTON

A modernidade de Galileu no seu tempo levou L. a interpretá-lo como um estranho no mundo à sua volta, como que precisando um pouco de explicação. A sua boa disposição transformava em fósseis os monges do Collegium Romanum. Gozava acima de tudo com as suas argumentações primitivas.

Algumas pessoas levantaram objecções a L., que proferiu o monólogo sobre a nova astronomia, na primeira cena, de torso nu; o público podia ficar desconcertado ao ouvir afirmações tão espirituais pela boca de um homem meio nu. Mas era precisamente esta mistura de corporal e espiritual que interessava a L. O «prazer de Galileu» enquanto o rapaz lhe esfregava as costas, transformava-se em produção espiritual. Assim L. acentuou que o vinho volta a saber bem a Galileu quando ele na nona cena ouve que o Papa reaccionário está moribundo. O seu modo prazenteiro de andar para cá e para lá, e a sua actuação com as mãos nos bolsos das calças ao projectar as novas investigações raiavam os limites da indecência. Sempre que Galileu é criador, L. mostra uma contraditória mistura de agressividade e desamparada moleza e vulnerabilidade.

### NOTAS

1. A decoração do palco não deve ser de molde a fazer o público julgar que se encontra num quarto da Itália medieval, ou do Vaticano. O público deve ser mantido na convicção de que se encontra num teatro.

2. O fundo da cena deve ser mais revelador do que a zona imediata em que funciona Galileu; deve mostrar o ambiente histórico com fantasia e com encanto artístico. Mas deve permanecer fundo de cena. (O que se consegue quando a decoração, por exemplo, não brilha pela sua cor, mas antes ajuda os trajes dos actores a brilhar, quando reforça a plástica das personagens, permanecendo ela própria em segundo plano — embora contenha algo de plástico, etc.)

3. Os móveis e requisitos devem ser realistas, (as portas são um desses requisitos) e ter sobretudo interesse socio-histórico. Os trajes devem ser individualizados e as características do seu porte devem ser indicadas. As diferenças sociais devem ser acentuadas, porque nas modas muito antigas já não as podemos distinguir facilmente. As cores dos fatos devem harmonizar-se umas com as outras.

4. O agrupamento das pessoas deve ter a qualidade dos quadros históricos (não para que o histórico surja com atractivo estético; a sugestão vale igualmente para as peças contemporâneas). A encenação consegue esse efeito inventando para os acontecimentos títulos históricos. (Exemplo: mais ou menos o seguinte para a primeira cena: «O fisico Galileu explica ao seu futuro colaborador Andrea Sarti a nova teoria de Copérnico e prevê para a astronomia grandioso significado histórico.» — «Para se poder manter, o grande fisico Galileu dá explicações a

alunos ricos.» — «Galileu, que procura os meios de poder continuar os seus estudos, é aconselhado pelos representantes da Universidade a inventar instrumentos lucrativos.» — «Galileu constrói, segundo indicações de um viajante, a sua primeira luneta.»)

5. Os acontecimentos devem ser bem planeados e conduzidos com tranquilidade. Devem evitar-se continuas mudanças de posição com poucos movimentos significativos das personagens. A encenação não se pode esquecer nunca que muitos dos acontecimentos e dos diálogos são difíceis de compreender, de modo que é necessário exprimir o sentido fundamental do acontecimento logo nas marcações. O público deve ter a certeza de que uma saída, um levantar, um gesto têm o seu significado e merecem atenção. Os agrupamentos e movimentos devem, no entanto, permanecer absolutamente naturais e realistas.

6. Na distribuição dos dignatários da Igreja deve proceder-se de modo especialmente realista. Não se pretende de maneira nenhuma uma caricatura da Igreja, no entanto o requinte de expressão e a «educação» dos príncipes da Igreja do séc. XVII não deve induzir o encenador a procurar tipos sublimados. Nesta peça a Igreja representa sobretudo a autoridade; o tipo geral dos dignatários da Igreja deve assemelhar-se ao dos nossos banqueiros e senadores.

7. A representação de Galileu não deve estabelecer no público um sentimento de compreensão e simpatia, deve antes provocar-lhe uma atitude de espanto, crítica e meditação. Galileu deve ser apresentado como um fenómeno no género de Ricardo III, em que a adesão emocional do público se consegue através da vitalidade desta estranha personagem.

8. Quanto mais profunda a seriedade histórica de uma representação, mais pode sobressair o humor; quanto mais generoso o arranjo cénico, maior a intimidade com que se podem representar as cenas.

9. A *Vida de Galileu* pode ser posta em cena ao gosto do teatro contemporâneo, sem grandes modificações, como uma espécie de «chumbada» histórica, com um papel principal. Uma representação convencional (que aos actores não precisaria aliás de parecer convencional, principalmente se revelasse ideias originais) enfraqueceria, no entanto, a força da própria peça, sem por isso se tornar de «acesso mais fácil» ao público. Os principais efeitos da peça falham se o teatro não fizer uma adaptação adequada. A resposta «isso aqui não resulta» já o autor está habituado; também já a ouvia no seu país natal. A maior parte dos encenadores comporta-se em relação a este género de peças como um cocheiro se comportaria em relação ao automóvel na época em que este foi inventado: resolvendo pôr-se a caminho, sem prestar atenção às indicações práticas atrelaria cavalos ao novo carro com mais naturalidade ainda do que a um coche, visto tratar-se de um carro mais pesado. Um tal cocheiro, se lhe chamassem a atenção para o motor, responderia: «Isso aqui não resulta.»

## ÍNDICE

|   |     |
|---|-----|
| 1 — Galileu Galilei, professor de matemática em Pádua, quer demonstrar o novo sistema do universo de Copérnico .....                    | 9   |
| 2 — Galileu apresenta à República de Veneza um novo invento .....   | 33  |
| 3 — 10 de Janeiro de 1610: Por meio do telescópio, Galileu descobre no céu certos fenómenos que demonstram o sistema de Copérnico ..... | 39  |
| 4 — Galileu trocou a república de Veneza pela corte florentina .....  | 59  |
| 5 — Sem se atemorizar, nem sequer com a peste, Galileu continua as suas investigações .....   | 77  |
| 6 — 1616: O Colégio Romano, centro de investigação do Vaticano, confirma as descobertas de Galileu .....                                | 89  |
| 7 — Mas a Inquisição põe no Index o sistema de Copérnico (5 de Março de 1616) .....   | 99  |
| 8 — Uma conversa .....  | 115 |
| 9 — Passados oito anos de silêncio, a eleição de um novo Papa, que é ele próprio cientista, encoraja Galileu .....                      | 125 |
| 10 — Na década seguinte, a teoria de Galileu espalha-se entre o povo .....  | 147 |
| 11 — 1633: A Inquisição chama o célebre investigador a Roma .....   | 155 |
| 12 — O Papa .....   | 163 |
| 13 — Galileu Galilei, em 22 de Junho de 1633, perante a Inquisição, renega a sua doutrina do movimento da Terra .....                   | 169 |
| 14 — 1633-1642. Galileu Galilei vive numa casa de campo perto de Florença, prisioneiro da Inquisição até à morte .....                  | 179 |
| 15 — 1637: O livro de Galileu, <i>Discorsi</i> , atravessa a fronteira italiana .....   | 199 |
| Notas sobre a <i>Vida de Galileu</i> .....  | 205 |